

MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Diógenes Nicolau Lawand

Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

SEE – SP / SME - SP e FE – USP

A apresentação é um recorte da dissertação de mestrado, defendida em outubro de 2004 na FE-USP¹. A pesquisa foi desenvolvida em escola da rede municipal da cidade de São Paulo, com alunos do ensino noturno na EJA. Duas turmas, 2^oTA e 2^oTB, estavam envolvidas.

Trabalhar com a memória (individual e social) é um elemento despertador de potencialidades para a produção de saberes educacionais. Sobretudo em busca de valorização da auto-estima em comunidades e indivíduos, no convívio de diferentes.

O texto “A Casa Xavante”², em leitura conjunta e com diversas questões levantadas que tinham como objetivo a comparação entre ela e a casa de cada aluno, frutificou um debate e mostrou que havia potencial para registrar os depoimentos.

A percepção de ritmos que os alunos demonstravam em relatos de experiências, trazidas quando a memória era sensibilizada, foi elemento problematizador na pesquisa .

O ritmo predominante na atualidade é o do capitalismo globalizante. A questão é que esse ritmo se defronta com outros ritmos vivos em comunidades.

Muitos querem transformar a memória em produto de consumo. Nas casas de *fast food* tudo é para o imediato, para o prazer na agilidade, para o consumo no ritmo impessoal. Se estou harmonizado com o ritmo do *fast food*, a memória não tem valor, pois não é imediata.

Logo no primeiro relato, o da aluna M.P.C. (51 anos), percebemos as características dos relatos dos alunos, apontando diversos ritmos:

Professor: “Aluna M.P.C., como foi esta experiência de dormir na esteira?”

Aluna M.P.C. (51 anos): “Bom, não era nem experiência, né professor? Era o nosso dia-a-dia”.

A questão apresentada pela aluna M.P.C. (51 anos) é do cotidiano. A memória envolvida no cotidiano e o cotidiano envolvido de memória.

Na modernidade, a narração de experiências é desvalorizada pela rapidez imposta pelo desenvolvimento da tecnologia, pela mídia, pela luta para a sobrevivência. Com os depoimentos dos alunos em relação à memória, o passado é restaurado no presente. Pode-se fazer diversas apropriações³ dessa imposição, como demonstra a maravilhosa obra de Ecléa Bosi.⁴

Os diversos ritmos sociais, pessoais, mascaram-se frente ao que o capitalismo globalizante impõe. Por exemplo, os ritmos dos migrantes são depreciados e desvalorizados. Expulsos de suas terras de origem para poder sobreviver e transformados em moradores das periferias das cidades (em especial na cidade de São Paulo), há um processo de desenraizamento cultural. As manifestações culturais da terra de origem, alojadas na memória de cada um e da comunidade constituída pela relação familiar ou de proximidade da região de origem são abafadas.

O desenraizamento gera novas condições de memória e esquecimento. Há sim uma imposição dominante na sociedade atual para o esquecimento. Mas há vivências de preservação de costumes culturais, por exemplo, nas favelas.

A memória é um caminho que possibilita viagens. Elas podem transitar no saudosismo, como é apresentado nestes relatos: Aluna M.P.C. (51 anos): “Eu gostava muito. Às vezes eu tenho até saudade daquele tempo. Quer dizer, a gente achava que era ruim, mas era bem melhor aquele tempo do que hoje. A gente achava que a gente era muito pobre, mas pelo menos a gente não sofria tanta violência, humilhação. A gente era feliz ali e não sabia.” Aluna S.R.S. (36 anos): “Era feliz também.”

Mas existe uma sensibilidade que podemos trabalhar na escola com os alunos e a comunidade escolar. O nosso trabalho propõe que a escola pode ser elemento que valorize a identificação da relação embutida na memória, em que os esquecimentos se opõem às lembranças. A percepção que temos do tempo conduz, de certa forma, o ritmo que adotamos.

O trabalho de Garcia⁵, que pensa a temporalidade da sala de aula a partir de duas dimensões – *chronos* e *kairós* –, foi um elemento precioso para o nosso trabalho sobre a relação ensino de história e memória. Segundo Garcia, a sala de aula tem seus ritmos. Ela não é independente do ritmo da sociedade, mas é apropriado o ritmo social e construídos os ritmos escolares. Garcia estuda o trabalho de Laura, reconhecida como ótima professora pela comunidade da escola pela qual trabalha. Seu trabalho aponta para o ritmo que é dado pelo ajuste entre *kairós* (o tempo estratégico, apropriado para determinada ação) e *chronos* (o tempo dos relógios, mecanicamente mensurável). Para Laura, a atividade de ensino está centrada na possibilidade de atender no momento oportuno cada aluno em suas necessidades. Ela atende os alunos individualmente e permite que eles recuperem, em parte, o controle sobre o seu próprio tempo. Com isso, Laura rompe com a idéia de que todos os alunos são ensinados da mesma forma e ao mesmo tempo. Ela aproveita cada momento de contato para conhecer o trabalho do aluno e lhe ensinar. Dentro de uma rotina extremamente organizada, ela é capaz de permitir a desorganização, a partir do ritmo de cada aluno e da turma como um todo. Para Laura, o tempo não é *chronos*, é *kairós*.

As experiências temporais são individuais e sociais. O tempo vivido é subjetivo, já que cada um tem o seu próprio tempo, influenciado pela fantasia, pela memória, pela imaginação e também pelos contatos sociais.⁶ O tempo escolar é uma construção histórica e cultural marcada por ritmos e regularidades, pelo tempo de longa duração (a

obrigatoriedade escolar) e pelo tempo de curta duração (o ano letivo, a jornada, os horários de aula).⁷

O exemplo de Laura demonstra que diversas apropriações desse ritmo e tempo são realizadas. Laura procura atender os alunos segundo o ritmo de cada um, e procura colocar metas. Mesmo em uma sociedade em que o capitalismo globalizante dita o ritmo, ela se apropria a partir de sua percepção relacionada com o ensino.

No ritmo do capitalismo globalizante, o que importa na contemporaneidade é viver a inovação, o eterno presente. Mas ao iniciar o processo de narrar, as experiências ficam encravadas na memória, a fricção é espetacular, o auge é atingido, o tempo é apresentado pela experiência, que é vivência:

A aluna M.P.C. (51 anos): “Professor, você já viu como era as camas antigamente?”

Contudo acreditamos que a experiência contemporânea pode ser considerada. A memória na atualidade pode ser (re)significada. O tecer narrativo da experiência na memória vislumbra possibilidades na educação, no cotidiano da sala de aula. Mesmo na descrença do narrar a experiência, o ouvir narrações e narrar fazem a percepção sobre o ensino de história se sensibilizar, conforme cada aluno reconhece a história na própria vida e na comunidade. Tal proposta visa desenvolver novas formas de sensibilidade para neutralizar o ritmo frenético do capitalismo globalizante e vivenciar a experiência.

A narrativa é a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da história com a vida cotidiana. Segundo Gagnebin, a narrativa é terapêutica. Em seu artigo, trata o conceito de "experiência" e a força da narração para salvar o passado.⁸ É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde. O narrar relativiza o passado e o presente no tempo vivido; o que se lembra são momentos vividos. A memória trabalha sobre o tempo vivido pela cultura e pelo indivíduo. E o tempo não é único para todos: há a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido.

O indivíduo, ou a comunidade, vítima de inúmeras exclusões, apropria-se das imposições sociais recriando funcionamentos próprios em resposta ao exigido e ao interesse de tal comunidade que, por ser desvalorizada, possui uma história tecida de silêncios. Podemos na escola, com o trabalho do ensino de história relacionado com memória, determo-nos nesses silêncios ou, pelo menos, dando voz a parte dos silêncios. É como já colocado acima: um exercício de narrar e de ouvir.

Ecléa Bosi aponta para a qualidade do vínculo que faz a qualidade da narração e do ouvir. Também a relação do professor com os alunos favorece o narrar, ou o não-narrar.

“Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. (Aqui, convém repetir a frase de Alain, mestre de Simone Weil: ‘As pessoas importantes não têm importância’).”⁹

A atenção dada que qualifica a relação narrar e ouvir, a atenção de respeitarmos o silêncio e de não colocarmos o narrador em um banco de réus. Ele, como todos nós, conta a sua verdade. A inexatidão do narrar não invalida o testemunho.

“A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos”.¹⁰

Em busca da atenção aos diferentes ritmos, podemos notar que o velho, na comunidade, quer aprender os novos cantos e ensinar os cantos de outrora. Sua identidade precisa ser reconhecida; sua memória, preservada. E uma atenção deve ser dada ao desenraizamento, que é condição desagregadora da memória.¹¹

A aluna A.A.S. (40 anos), em seu relato diz, ao ser questionada: “Chão de barro mesmo! Não tinha nada de chão batido. É terra, barro, estas coisas.”

Professor: “Até dentro de casa?”

Aluna A.A.S. (40 anos): “Até dentro de casa. Fogo de lenha, água com aquelas latas na cabeça, pisar no pilão, aquelas coisas, tudo o que a gente precisava consumir não tinha nada fácil. Tinha que tudo pegar, pra fazer, pra poder consumir diariamente. Tinha que pegar na roça. Era tudo trabalhoso. Não tinha nada industrializado.”

Professor: “Me fala de um produto que vocês utilizavam?”

Aluna A.A.S. (40 anos): “De um produto que a gente consumia? Alimento?”

Professor pergunta: “É!”

Aluna A.A.S. (40 anos): “Era assim, meu pai plantava de tudo. Na época de inverno era na roça. Na época do verão era um lugar assim, na beira de um rio, um córrego chamado, chamava vazante lá. Eu não sei se continua indo. Mas ele plantava de tudo, abóbora, feijão. Pegava aquelas vagens de feijão e tirava todo feijão de dentro. Ele fazia ele vender. Para vender ele deixava ele secar, para poder... ele batia com um pedaço de marreta, assim, para poder sair tudo da barra (?), para poder tirar palha daquilo ali. Medir e vender o total. Que era para a gente consumir e para vender, para manter e comprar as outras coisas, demais.”

Os relatos podem ser tomados para discutir a relação entre o ensino de história e a memória. Os alunos se sensibilizaram para compartilhar suas memórias a partir da informação de que os Xavantes utilizavam esteiras. A partir daí eles começaram a relatar suas experiências (produção e utilização) com esteiras. Estimulados pelo professor, outros alunos fizeram seus depoimentos até chegar ao relato da aluna H.V.O. Podiam-se notar relatos que traziam novidades ou diferenças ao grupo, e outros em que os alunos se identificavam com o narrador, por terem vivenciado semelhantes casos, o que sugere a construção de uma memória coletiva. O próprio relato da aluna H.V.O. (32 anos) nos mostra isto: “Quem conhece pé de juazeiro, aqui?... Quem já ouviu falar em comidinha?... A gente não fazia estas coisas que hoje a gente não confia deixar os nossos filhos fazer”. O relato dela se envolveu num diálogo com outros alunos, na identificação e/ou

estranheza. Tal relato caminhou por vários temas que indicavam conhecimentos e experiências. Até começavam uns namoros nas esteiras, “mas não como os de hoje que avançam o sinal”, cavavam poço para pegar água pura, que tiravam com cacimba; faziam poço na areia como de praia, carregavam muita água na cabeça e colocavam redes nos pés do juazeiro. “Assim é a vida no interior”.

Pelas idéias da narradora, é possível classificar o relato de “verídico”, que a partir da lembrança, pode ser comunicada às novas gerações, pois não se viverá mais o relatado. A relação estabelecida é entre o passado (naquela época) e o presente (hoje): “Naquela época o namoro era bem diferente do que é hoje”. A lembrança (como eu me lembro disso!... Disso eu me lembro!) é o fundamento para a realização dessa relação, em que os sentimentos estão envolvidos com a história: “Eu, para mim é saudades. É saudades eu falar. Para mim é histórias e saudades. Saudades deste tempo que a gente vivia. Do passado. Que, no futuro não tem como a gente fazer isto”.

A importância de parte do relato o avô contou para o pai, que contou para os filhos, que a aluna contou para a filha, que contará para os filhos dela. É o relato da chegada do primeiro carro na cidade onde a aluna nasceu. A buzina alertou os moradores para a chegada de um bicho, todos se armaram com paus, inclusive de cercas, e quando o carro chegou começaram a espancar o carro. A aluna finaliza o relato, voltando ao início do relato e afirmando: “uma coisa eu tenho certeza, aprendi a fazer cuia com meu pai”.

O que está em jogo é a tradição. Esta é apresentada relacionando-a com lugares de memória¹²: “Era um carro que nem, vamos supor, que fosse um carro que nem esses jipes que têm no Museu do Ipiranga, que põem no museu. O primeiro carro na cidade”.

Mesmo que duvidem do relato, ela aprendeu com a tradição, concretamente aprendeu a fazer cuia. O conjunto do relato demonstra a força das lembranças e das narrações destas.

-
- ¹ LAWAND, Diógenes Nicolau. Memória e ensino de história: uma experiência na educação de jovens e adultos, Orientadora : Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, 2004.
- ² ANDRIOLO, Arley. Viver e morar no século XVIII: Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. São Paulo: Saraiva, 1999, p. 7.
- ³ Sobre apropriações ver: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2001. v.1.
- ⁴ Veja: GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto et al.. O olhar. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 95-124.
- ⁵ GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A riqueza do tempo perdido. Educação e Pesquisa. São Paulo, v..25, n..2, p.109-125, jul./dez. 1999.
- ⁶ GARCIA, 1999.
- ⁷ SOUZA, Rosa Fátima de. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). Educação e Pesquisa, jul./dez. 1999, vol.25, no.2, p.127-143.
- ⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie..Narrar e curar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1º set. 1985. Folhetim, p. 11.
- ⁹ BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003,p. 61.
- ¹⁰ Ibid., p. 66.
- ¹¹ BOSI, 2003, p. 28 e p. 206.
- ¹² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.